

**GEORGES
PEREC**

A
PSICANÁLISE
NOS
JOGOS
E
TRAUMAS
DE

UMA
CRIANÇA
DE
GUERRA



**GEORGES
PEREC**

A
PSICANÁLISE
NOS
JOGOS
E
TRAUMAS
DE

UMA
CRIANÇA
DE
GUERRA

Jacques Fux



© Relicário Edições

© Jacques Fux

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

F996g

Fux, Jacques

Georges Perec: a psicanálise nos jogos e traumas de uma criança de Guerra / Jacques Fux. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2019.

140 p. ; 13cm x 19cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-66786-86-6

1. Psicanálise. 2. Georges Perec. 3. Segunda Guerra. 4. Metatestemunho. I. Título.

CDD 150.195
2019-240

CDU 159.964.2

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos
PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia
REVISÃO Lucas Morais

RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 2, Colégio Batista

Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

7	INTRODUÇÃO O primeiro encontro; um grande estranhamento
19	Os jogos de criança
67	Trauma e metatestemunho
121	CONCLUSÃO O fim dos jogos, das trapaças e do trauma fulminante?
123	Notas
129	Referências
137	Agradecimentos
139	Sobre o autor



INTRODUÇÃO

**O primeiro encontro;
um grande estranhamento**

Eu nunca tinha ouvido falar de Georges Perec até que me deparei com o livro que mudaria minha vida e minha capacidade de enxergar a literatura, a ficção, as brincadeiras, subversões e inter-relações das diversas áreas do saber. *A vida modo de usar* caiu em minhas mãos e me deixou perplexo, confuso, alterado. Porém, no início, não entendi nada. Até achei que seria um livro de autoajuda fornecendo-me indicações e recomendações de como usar (ou manusear) minha própria vida. Vida essa que, naquele momento (como em todos), se encontrava inquietante.

O estranhamento, o mal-estar, o desconforto que o livro causou me motivou a continuar lendo e relendo as famigeradas e quase indecifráveis páginas. Eu tentava descobrir, revelar e desvendar todos os mistérios do *puzzle* com que Perec me presenteava. Aquilo era literatura, mas era também jogo, trapaça, matemática, filosofia, lógica, desespero, elucubração. Depois de uma grande labuta – inúmeras leituras, gozos, desesperos e fruições –, um caminho de sonhos

e de possibilidades literárias se abriu. Fiquei fascinado. Encantado. Iludido com uma ficção improvável, mas, ao mesmo tempo, maravilhosa. Esse *brave new world* nunca mais se fechou – e me constituiu definitivamente escritor –, sem deixar de lado minha veia e minha paixão pela matemática.

Perc foi membro do OULIPO, um grupo que brincava com ideias e estruturas matemáticas diversas utilizando-as na composição de seus livros. Parece complicado, enigmático e limitante – e poderia até afugentar certos leitores –, mas não é. Ler Perc é a possibilidade de adentrar em um distinto e inesperado universo. Um mundo que se expande, se interpõe e se projeta em múltiplos cenários e perturbações. A matemática funciona como um objeto desejo velado que tenta governar o mundo contingente. A lógica, em Perc, busca por explicações, por belezas recalçadas, por profundidades quase inacessíveis. Algo que repousava no coração da criança traumatizada pela perda prematura de seus pais.

O jogo indecifrável da vida pregou peças em Perc. Sua mãe morreu em Auschwitz e seu pai no fronte de guerra. Ele viveu só, angustiado e saudoso, buscando alguma memória do pouco convívio que teve com a família. A contingência imposta pela História diante

do fracasso humano em conviver com o outro – o diferente, o estranho, o judeu – fez o autor brincar com um suposto controle matemático na literatura. Se este mundo profano extinguiu o pai e a mãe de milhões de crianças – tantas vezes arrancadas de seus braços e queimadas em fornos concebidos pela racionalidade humana –, então o órfão-escritor teria de conceber um mundo que não repetisse essa barbárie.

O jovem traumatizado passa a tentar controlar o incontrolável. Sua perda, sua dor e sua saudade exacerbam esse esforço descomunal por compreensão. Perec cria um mundo particular e obsessivo para não lidar diretamente com o trauma – com a imagem sempre presente da ausência de seus pais – e usa a matemática e os jogos buscando colocar a literatura em um lugar sem conexão com a dor. Toda sua energia é empenhada nos engendramentos fascinantes de seus livros. Seus jogos, regras e enigmas – áridos e frios – anseiam por um isolamento afetivo.

Assim, buscando as inacessíveis certezas matemáticas, Perec escreve *La disparition*, um livro com trezentas e tantas páginas em que nunca aparece a letra ‘e’ – uma regra conhecida como lipograma –, a mais frequente da língua francesa. Loucura? Insanidade? Projeto impossível? Talvez, mas Perec conseguiu realizar.

Ele dizia que, ao se ver privado pelos nazistas do convívio com as pessoas mais importantes do mundo (*père e mère*), teria também que ser capaz de escrever um livro sem a letra mais importante do alfabeto. Pais e letras sempre presentes, embora faltantes. A dolorosa e árdua leitura deste livro nos causa, talvez, uma identificação projetiva (expandindo o conceito de identificação de Melanie Klein [1946]) – processo pelo qual essa dor pertinente ao eu-narrador é projetado no outro, o leitor, criando uma relação de cumplicidade e conjunção, como se um fizesse parte do sofrimento do outro.

Em outros livros, Perec maneja os aspectos matemáticos-traumáticos da ficção. Perec escreve o *Palindrome*, um livreto com cinco mil palavras que foi parar no *Guinness Book*. Esse pequeno livro-mistério-enigma pode ser lido de trás para frente e permanecer o mesmo. (Como é o caso da palavra ‘Ana’, mas, aqui, o livro inteiro). Fantástico? Tentativa absurda de controlar o incontrolável ou apenas a forma que Perec encontrou para confrontar seus traumas de infância?

Já em seu mais famoso livro, *A vida modo de usar*, um preâmbulo alerta o leitor que uma obra literária pode ser apenas um grande quebra-cabeças. “Podemos deduzir algo que é, sem dúvida, a verdade

última do *puzzle*: apesar das aparências, não é um jogo solitário – todo gesto que faz o armador de *puzzle*, o construtor já o fez antes dele; toda peça que toma e retoma, examina, acaricia, toda combinação que tenta e volta a tentar, toda hesitação, toda intuição, toda esperança, todo esmorecimento foram decididos, calculados, estudados pelo outro”. Perc-criador nos pergunta: seria possível imaginar todas as possibilidades de leitura e de interpretações? Seria possível controlar a recepção da obra? Das palavras? Seria plausível controlar o sofrimento da vida?

E seu controle vai mais além. Em cada um dos noventa e nove capítulos desse livro, Perc se obriga a usar quarenta e duas regras distintas e lógicas. Aparecem inúmeras citações, referências a países diversos, personagens sentados, em pé, de lado, segurando algo, etc. Milhares de restrições impostas antes mesmo de se começar a escrever o livro. Centenas de tabelas confeccionadas para compor esse hercúleo trabalho.

A vida modo de usar trata de histórias inter-relacionadas de habitantes de um mesmo prédio situado à 11 Rue Simon-Crubellier. O enredo gira em torno de três personagens principais, o excêntrico e rico Percy Bartlebooth, o artista Gaspard Winckler e o pintor Serge Valène:

Durante dez anos, de 1925 a 1935, Bartlebooth se iniciaria na arte da aquarela. Durante vinte anos, de 1935 a 1955, percorreria o mundo, pintando, à razão de uma aquarela a cada quinze dias, quinhentas marinhas do mesmo tamanho, as quais representariam portos marítimos. Ao terminar cada uma dessas marinhas, ela seria enviada a um artista especializado (Gaspard Winckler), que a colaria sobre finíssima placa de madeira e a recortaria num *puzzle* de setecentas e cinquenta peças. Durante vinte anos, de 1955 a 1975, Bartlebooth, de volta à França, reconstituiria, na mesma ordem, os *puzzles* assim preparados, à razão, novamente, de um a cada quinze dias. À medida que os *puzzles* fossem reorganizados, as marinhas seriam ‘retexturadas’, de modo que se pudesse descolá-las de seus suportes, transportá-las para os próprios locais onde – vinte anos antes – haviam sido pintadas e ali mergulhá-las numa solução detergente da qual saísse apenas uma folha de papel Whatman, intacta e virgem. (Perec, 1989 p. 594)

O projeto do livro é rigoroso e bem estruturado, assim como um jogo. A construção lógica e definida a partir de regras nos remete ao teor axiomático da matemática. Entretanto, o objetivo proposto não é concretizado:

É o dia 23 de junho de 1975, e vão dar oito horas da noite. Sentado diante do *puzzle*, Bartlebooth acaba

de morrer. Sobre a toalha da mesa, nalgum lugar do céu crepuscular do quadringentésimo trigésimo nono *puzzle*, o vazio negro da única peça ainda não encaixada desenha a silhueta quase perfeita de um X. Mas a peça que o morto segura entre os dedos, já de há muito prevista em sua própria ironia, tem a forma de um W. (Perec, 1989, p. 578)

Para dar apenas um pequeno exemplo dessas regras e tabelas¹: temos duas listas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, o e A, B, C, D, E, F, G, H, J, K. Em cada coluna e em cada linha, observa-se somente uma letra e um número, que indicam que determinadas *contraintes* serão utilizadas em cada apartamento do prédio situado em *11 Rue Simon-Crubellier*:

QUADRO 1 Cahier des charges de *A vida modo de usar*

1A	7H	6J	5K	oB	9D	8F	2C	3E	4G
8G	2B	1H	7J	6K	oC	9E	3D	4F	5A
9F	8A	3C	2H	1J	7K	oD	4E	5G	6B
oE	9G	8B	4D	3H	2J	1K	5F	6A	7C
2K	oF	9A	8C	5E	4H	3J	6G	7B	1D
4J	3K	oG	9B	8D	6F	5H	7A	1C	2E
6H	5J	4K	oA	9C	8E	7G	1B	2D	3F
3B	4C	5D	6E	7F	1G	2A	8H	9J	oK
5C	6D	7E	1F	2G	3A	4B	9K	oH	8J
7D	1E	2F	3G	4A	5B	6C	oJ	8K	9H

Trocamos a lista de letras (A, B, C, D, E, F, G, H, J, K) por outra lista de números e, em cada casa, atribuímos um valor de acordo com um *tabuleiro de xadrez*² 10 x 10. Perc se pergunta também se essa composição é bastante *desordenada*, uma vez que seu objetivo é variar ao máximo as regras para que os capítulos não sejam de forma alguma parecidos: “É necessário perceber como Perc fez aparecer esta estrutura, mas também se perguntar se há outros *bicarrés*: colocamo-nos em dúvida imaginando rotações, simetrias, mas será que é bastante, e bastante desordenado?” (Perc, 1993).

QUADRO 2 Tabuleiro de xadrez 10 x 10

1591	7838	6159	5100	0572	9484	878	2523	3455	4547
8977	2112	1588	7829	6160	093	9465	3554	468	5511
9846	8601	3963	2148	1479	7560	0494	485	5537	6442
0125	9987	8812	4864	3958	2179	1280	5436	6501	753
2610	0856	9131	8183	5275	4798	3949	647	7412	1304
4990	3700	0267	9802	8874	616	5428	7291	1933	235
6258	5629	4880	0691	9193	8365	7787	122	2314	3406
3712	4653	5204	6235	7896	1687	2341	8378	9779	0920
5633	6244	7665	1736	2357	3221	4902	9750	0398	8329
74	1725	2646	3217	4671	5742	6383	0339	8910	9768

Cada casa do novo tabuleiro de xadrez representa um apartamento. Como temos 99 capítulos, consideramos a aparição do capítulo faltante como um *bicarré 1ab* (Posição – Atividade), no canto esquerdo abaixo. O quadro foi composto de acordo com cada capítulo do livro. O primeiro número representa a Posição, o número do meio representa o capítulo em questão e o terceiro número representa a Atividade. Temos também outros pares: *1cd* (Citação 1, Citação 2), *2ab* (Número, Função), *2cd* (Terceiro Setor, Recurso), *3ab* (Muros, Solos) etc.

Tomamos, por exemplo, o apartamento situado no canto superior direito (estaremos no capítulo 54). Neste capítulo aparecem os números 4 e 7, que representam respectivamente as *contraintes* Posição (sentado) e a Atividade (reparação), de acordo com o QUADRO 3 abaixo:

QUADRO 3 *Contraintes* Posição e Atividade de *A vida modo de usar*

1 a Posição	1 b Atividade
1. Ajoelhado	1. Pintura
2. Agachado ou abaixado	2. Entrevista
3. De bruços	3. Limpeza
4. Sentado	4. Erótico

5. Em pé	5. Classificar, arrumar
6. Subir ou mais alto que o solo	6. Se servir de um mapa
7. Entrar	7. Reparar
8. Sair	8. Ler ou escrever
9. Deitado sobre as costas	9. Ter um pedaço de madeira
o. Um braço no ar	o. Comer

Conforme apresenta o QUADRO 4 a seguir, o livro apresenta 42 tipos de *contraintes*, que aparecerão em duplas:

QUADRO 4 42 *Contraintes*

1a Posição	1b Atividade	1c Citação 1	1d Citação 2
2a Número	2b Papel	2c 3º setor	2d Mola
3a Muros	3b Solo	3c Época	3d Lugar
4a Estilo	4b Móveis	4c Comprimento	4d Diversos
5a Idade e sexo	5b Animais	5c Roupas	5d Tecido (natural)
6a Tecido (matéria)	6b Cores	6c Acessórios	6d Joias
7a Leituras	7b Músicas	7c Tabelas	7d Livros
8a Bebidas	8b Alimento	8c Pequenos móveis	8d Jogos
9a Sentimentos	9b Pinturas	9c Superfícies	9d Volumes
oa Flores	ob Bibelô	oc Falta em	od Falso
Ca 1º de uma dupla	Cb 2º de uma dupla		

“Se tomarmos novamente o capítulo 54, teremos sempre a dupla (4,7), que nos leva à seguinte lista: (sentado, reparar); (Kafka, Stendhal); (4, cliente); (fazer parte, criar); (cortiça, tapete de lã); (século 17, extremo oriente); (império, *Guéridon*); (3, clero); (mulher velha, abelha); (saia ou calça, a confeccionar); (flanela ou feltro, cinza); (luvas, relógio); (carta, *pop* ou *folk*); (*A queda de Ícaro, Cem anos de Solidão*); (cerveja ou cidra, queijos); (esculturas móveis, palavras cruzadas); (tédio, cartas e planos); (hexágono, poliedro); (plantas verdes, cristal); (4,7); (Philémon, Brouillard)” (Perec, 1993).³

Apesar de lógico, para se ler Perec não é necessário conhecer nada de matemática ou das regras utilizadas. Porém, se o leitor for capaz de desvendar os mistérios, de saber das ‘leis’ que regem cada capítulo, cada linha, cada pensamento de cada personagem – quase como um deus –, o livro acaba se tornando ainda mais mágico e encantado. Uma vereda fabulosa e empolgante se abre. O leitor-detetive se depara com o poder inventivo da mente do criador. A cada leitura, a cada resenha, a cada comentário, alguém descobre (ou inventa) algo diferente. E, além das leituras de cada um (que são infinitas), as possibilidades lógicas que Perec apresenta abrem sempre caminhos.

Em meu primeiro livro, *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO*, exploro os argumentos e as ferramentas matemáticas que Perec utilizou ao longo da sua obra. O *Literatura e Matemática* é fruto de uma pesquisa exaustiva sobre o uso de estruturas e conceitos matemáticos na ficção. No entanto, à época me fugiu a capacidade de enxergar que esse artifício obsessivo em Perec escondia um trauma maior. A matemática funcionou como uma fuga, uma tentativa insistente de elaboração, perla-boração, sublimação. Um experimento que, ainda que tenha salvado Perec por meio da escrita – e nos presenteado com seus belos trabalhos e enigmas – o condenou à morte prematura aos 46 anos vítima de um câncer pulmonar. As palavras e a matemática não foram suficientes. O trauma o sufocou.

Neste livro, pretendo mostrar o lado inventivo e perturbado da criança traumatizada. Do escritor, sempre menino, que se despede dolorosamente dos pais – perdendo suas memórias, seus carinhos, seus odores e até a sua língua –, e largado em um mundo incognoscível e brutal. Porém, mesmo destituído de si, da palavra, do sentimento e da compreensão, é capaz de conceber um projeto literário ousado e brilhante.